

Lima Barreto e o custo da vida no Brasil

André Luiz dos Santos
Professor de Literatura Brasileira

O escritor Lima Barreto sempre demonstrou preocupação com a questão da escassez de recursos. No *Diário Íntimo*, em várias passagens, registrou essa angústia. Há tabelas de cálculos que apontam certo controle doméstico, como em janeiro de 1904, em que aparecem o orçamento e as despesas do dia a dia da família, passando por seis de novembro do mesmo ano, quando retorna à Ilha do Governador para saldar dívidas do pai, até 1913, quando se muda para o último endereço em vida, a falta de dinheiro parece acompanhar esse carioca:

Hoje fui à ilha, pagar dívidas de papai (490); paguei-as uma a uma; entretanto, na volta, estava triste; na estação de São Francisco (vim pela Penha), ao embarcar, me invadiu tão grande melancolia, que resolvi descer à cidade. (BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 46) Mudei-me ontem, 13-9-13, da casa em que vivi quase dez anos, à rua Boa Vista 76, Todos os Santos. Lá entrei com uma nomeação no bolso e com muito pouco dinheiro. Nesta entrei sem um vintém na algibeira, tendo recebido antes seiscentos mil-réis. Já é progresso. Major Mascarenhas, 42. (BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 169)

Embora não trate diretamente da gripe espanhola, epidemia que assombrou o Brasil a partir de 1918 e que no Rio de Janeiro alcançou taxa de mortalidade na casa dos 2000%, em várias crônicas em que se ocupa do drama da Primeira Guerra Mundial – 1914-1918 – o escritor comenta as catástrofes que os anos posteriores ao movimento bélico provocam no mundo. E, sem dúvida, o infortúnio da gripe de 1918 foi um dos reflexos da guerra de 14. Em texto publicado na *Gazeta de Notícias*, de dois de janeiro de 1921, com o título *A questão dos “poveiros”*, assinala:

Havia de parecer que a gente de juízo e de coração, com responsabilidade na direção política e administrativa dos povos, depois dessa chacina horrorosa e inútil que foi a guerra de 1914, e das consequências de miséria, fome e doença que, acabada, acarretou ainda como contrapeso, procurasse afugentar, por todos os meios, dos seus países, os germens desse aterrador flagelo da guerra; (...) (BARRETO, Lima. *Toda Crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 280 – Volume II)

Em contrapartida, havia uma intensa revolta do escritor no que diz respeito ao custo da vida. É possível ler lúcidas e pertinentes observações sobre esse perpétuo problema do país. Cito o primeiro parágrafo publicado com o título *País rico*, em oito de maio de 1920, na Revista *Careta*:

Não há dúvida alguma que o Brasil é um país rico. Nós, que nele vivemos, não nos apercebemos bem disso; e até, ao contrário, o supomos muito pobre, pois a toda a hora e a todo instante estamos vendo o governo lamentar-se que não faz isto ou não faz aquilo por falta de verba. (BARRETO, Lima. *Toda Crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 181 – Volume II)

A argúcia do cronista, em texto divulgado no *Correio da Noite*, em dezoito de dezembro de 1914, com o título *Quantos?* impressiona porque parece publicado ontem:

Os nossos financeiros do Congresso, ou fora dele, são deveras interessantes. Tateiam, hesitam, andam às apalpadelas, nos casos que mais precisam de decisão. Resolveram eles, para salvar a Pátria, que anda a níqueis, que os empregados públicos fossem tributados de maneira mais ou menos forte. Nada mais justo. Como já tive ocasião de dizer, é razoável que a Pátria “pronta” “morda” os seus filhos “prontos”; e eu, que estou em causa, não protesto absolutamente. Estou cordialmente disposto a contribuir com os meus “caraminguas” para a salvação do país mais rico do mundo. (BARRETO, Lima. *Toda Crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 121 – Volume I)

É de notar a sagacidade do autor, que começa apresentando o cenário, avança para o problema, concorda e no último fragmento citado destila a ironia que lhe é peculiar. Lima Barreto, mais do que qualquer outro cronista do seu tempo, soube compreender os dramas do Brasil e não poupou a crítica. Tanto é verdade que na crônica *No ajuste de contas...* publicada no *A.B.C.*, de onze de maio de 1918 desabafa: “Desde que o governo da República ficou entregue à voracidade insaciável dos políticos de São Paulo, observo que o seu desenvolvimento econômico é guiado pela seguinte lei: tornar mais ricos os ricos; e fazer mais pobres os pobres.” (BARRETO, Lima. *Toda Crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 337 – Volume I)

Em síntese, em época de epidemia de coronavírus, onde os preços aumentam a olhos vistos, reler Lima Barreto é um exercício para compreender que de tempos em tempos o nosso sofrido país insiste nesta discrepância. Dentre as crônicas citadas, todas extremamente relevantes, a extensa *Sobre a carestia*, publicada no *O Debate*, de quinze de setembro de 1917, sintetiza o abatimento do povo brasileiro diante dos preços dos produtos:

As várias partes do nosso complicadíssimo governo se têm movido para estudar e debelar as causas da crescente carestia dos gêneros de primeira necessidade à nossa vida. (...) Entretanto, a vida continua a encarecer e as providências não aparecem. (...) A nossa República, com o exemplo de São Paulo, se transformou no domínio de um feroz sindicato de argentários cúpidos, com os quais só se pode lutar com armas na mão. Deles saem todas as autoridades; deles são os grandes jornais; deles saem as graças e os privilégios; e sobre a Nação eles teceram uma rede de malhas estreitas, por onde não passa senão aquilo que lhes convém. (...)” (BARRETO, Lima. *Toda Crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 285 e 287 – Volume I)

Só nos resta confirmar as palavras do cronista: “as providências não aparecem.”